

“tua solicitude é pior do que a cólera”: o romance machadiano *Helena* e a tensão dissolutiva das raízes arcaicas no Brasil oitocentista

Gabriela Manduca Ferreira*

Resumo

Com a tensão dissolutiva das raízes arcaicas, no Brasil oitocentista, elementos da civilização rústica embrenharam-se no moderno: o patrimonialismo e o homem cordial. O homem cordial é o homem do patrimonialismo, que age conforme os preceitos de seu coração (tanto amor como ódio; capricho, em suma).

É por esse prisma que se pretende analisar *Helena*, observando em personagens como Estácio um homem de mentalidade arcaica em função moderna. Isto porque na conjuntura histórica mimetizada no romance, binômios como escravista/ esclarecido e cortês/ violento não eram excludentes.

* Doutoranda em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP. Bolsista Capes. Mestre em Literatura Brasileira pela FFLCH/USP. Docente no Centro Universitário FMU. E-mail de contato: gabi_manduca@yahoo.com.br.

Tal abordagem baseia-se nos estudos de esforço interpretativo do Brasil de Sérgio Buarque de Holanda, Antonio Candido e Roberto Schwarz.

Palavras-chave:

romance machadiano; *Helena*; homem cordial.

Abstract:

In the eighteenth Brazil, with dissolutive archaic roots, rustic civilization elements entangled with modern ones: patrimonialism and the cordial man. The cordial man is a patrimonialist that acts according to the values of their heart (love as well as hatred; whim, in summary).

Through this prism I intend to analyze *Helena*, observing in a character like Estacio, for instance, an archaic man holding a modern function. This happens because in the context represented in the novel binomials like “slave owner” and “enlightened”, “courteous” and “violent” were not exclusionary.

This approach is based on studies of Brazil’s interpretation by Sergio Buarque de Holanda, Antonio Candido, and Roberto Schwarz.

Keywords:

Machado de Assis novel, *Helena*, Brazilian cordiality

“Portanto todo o favor, todo o poder, todas as honras, todas as riquezas estão com eles ou onde eles querem. A nós se deixam os perigos, as recusas, os julgamentos, a pobreza. Até quando o sofreremos, homens de tamanho ânimo?” Salústio, *A conjuração de Catilina*.

Se o homem cordial é, para Sérgio Buarque de Holanda (1983), o homem brasileiro – ao menos o homem brasileiro associado a condições particulares de nossa vida rural e colonial –, aproximar as características atribuídas aos personagens do romance machadiano *Helena* daquelas apontadas por Buarque de Holanda para o homem cordial seria nada mais do que buscar nesses personagens a caracterização, machadiana, do homem brasileiro que vivia aquele momento de tensão dissolutiva das raízes arcaicas.

Helena expressa – não somente isso, mas também isso – a conjuntura histórica do Brasil oitocentista em que a norma burguesa foi alterada e incorporada à ordem patriarcal, gerando um paternalismo capitalista.

Na construção do homem livre no Brasil escravocrata, a conciliação e a crueldade desnudadas por Roberto Schwarz (1992) na obra de Machado de Assis demonstram que – diferentemente dos escravos – agregados e senhores relacionam-se por meio do favor, da prática do favor, que inaugura um padrão particular de relações sociais.

Ao ser associado ao favor, o liberalismo, transformado em ideologia de segundo grau, muda de significado na medida em que, se originalmente defende princípios universalistas, no Brasil se revela em termos de garantir interesses particularistas. Pois o favor tem por objetivo estabelecer relações timbradas no avesso dos modernos pressupostos capitalistas da impessoalidade: “Assim, com método, atribui-se independência à dependência, utilidade ao capricho, universalidade às exceções, mérito ao parentesco, igualdade ao privilégio etc” (SCHWARZ, 1992, p. 18).

Sérgio Buarque de Holanda demonstra em *Raízes do Brasil* que “a falta de coesão em nossa vida social não representa, assim, um fenômeno moderno” (HOLANDA, 1983, p. 05), pois o personalismo tão característico do povo português, ao encontrar um ambiente doméstico

opiniões

hipertrofiado, abre caminho para o surgimento do homem cordial. Outro traço das nações ibéricas seria a "invencível repulsa que sempre lhes inspirou toda moral fundada no culto ao trabalho" (HOLANDA, 1983, p. 09).

Sérgio Buarque alerta para o quanto dessas raízes ibéricas ainda fala em nós: "Podemos dizer que de lá nos veio a forma atual de nossa cultura; o resto foi matéria que se sujeitou mal ou bem a essa forma." (HOLANDA, 1983, p. 11).

Havia nos ibéricos e, mais propriamente, entre os portugueses uma plasticidade social, que propiciava a adaptação às terras tropicais: "Nossos colonizadores eram, antes de tudo, homens que sabiam repetir o que estava feito ou o que lhes ensinara a rotina" (HOLANDA, 1983, p. 22). Acrescenta-se a isso "a ausência completa, ou praticamente completa, entre eles, de qualquer orgulho de raça." (HOLANDA, 1983, p. 22).

Sérgio Buarque deslinda a "civilização de raízes rurais" (HOLANDA, 1983, p. 41) que os portugueses instalaram no Brasil para destacar, então, o significado da extinção do tráfico negreiro (com a lei Eusébio de Queirós, em 1850), que propiciou grande aumento do comércio e facilidades excessivas de crédito. Todavia, observa que se opôs a esse otimismo "a perplexidade e o descontentamento dos outros, mais duramente atingidos pelas consequências da cessação do tráfico." (HOLANDA, 1983, p. 45).

A análise que Buarque de Holanda faz desse período é-nos especialmente importante porque é exatamente nesse intervalo, entre a abolição do tráfico negreiro (1850) e a abolição da escravidão (1888), que se situam tanto a ação de *Helena* (1859) quanto a publicação do romance (1876):

Eram dois mundos distintos que se hostilizavam com rancor crescente, duas mentalidades que se opunham como ao racional se opõe o tradicional, ao abstrato o corpóreo e o sensível, o citadino e cosmopolita ao regional ou

paroquial. A presença de tais conflitos já parece denunciar a imaturidade do Brasil escravocrata para transformações que lhe alterassem profundamente a fisionomia. Com a supressão do tráfico negreiro dera-se, em verdade, o primeiro passo para a abolição de barreiras ao triunfo decisivo dos mercadores e especuladores urbanos, mas a obra começada em 1850 só se completará efetivamente em 1888. Durante esse intervalo de quarenta anos, as resistências não de partir não só dos elementos mais abertamente retrógrados, representados pelo escravismo impenitente, mas também das forças que tendem à restauração de um equilíbrio ameaçado. Como esperar transformações profundas em país onde eram mantidos os fundamentos tradicionais da situação que se pretendia ultrapassar? Enquanto perdurassem intatos e, apesar de tudo, poderosos, os padrões econômicos e sociais herdados da era colonial e expressos principalmente na grande lavoura servida pelo braço escravo, as transformações mais ousadas teriam de ser superficiais e artificiosas. (HOLANDA, 1983, p. 46).

A crise comercial de 1864 deixou patente, portanto, a situação insustentável "nascida da ambição de vestir um país ainda preso à economia escravocrata, com os trajes modernos de uma grande democracia burguesa." (HOLANDA, 1983, p. 46).

Em *Raízes do Brasil* Sérgio Buarque de Holanda demonstra que o grande saldo do processo colonizador, a civilização rústica, começou a ser transtornado com o processo de modernização, um momento de tensão dissolutiva das raízes arcaicas. Tal dissolução se deu, no entanto, astutamente: as raízes arcaicas dissolveram-se para embrenharem-se em outro pólo, o moderno.

Sérgio Buarque passa a observar, a partir daí, o fulcro dessa herança rural, a família patriarcal. E sugere que

com o latifúndio autossuficiente renasce o tipo de família romana (despótica em relação às mulheres, às crianças, aos escravos, aos clientes).

Tamanha força da família tinha como resultado o predomínio na vida social de “sentimentos próprios à comunidade doméstica, naturalmente particularista e antipolítica, uma invasão do público pelo privado, do Estado pela família.” (HOLANDA, 1983, p. 50).

A estrutura patriarcal é decisiva no romance machadiano *Helena*, tanto que a protagonista sofre por um paternalismo múltiplo que limita sua ação, submetendo-a ao mando de vários pais (conselheiro Vale, Estácio, padre Melquior e Salvador).

Cabe lembrar aqui a esclarecedora contribuição de Octavio Ianni ao citar Antonio Candido acerca da organização dessa família patriarcal:

A solução mais frequente da elaboração do “grupo doméstico” no Brasil, diz Antonio Candido, deu-se com “a organização patriarcal da família, que apresentava uma dupla estrutura: um núcleo central, legalizado, composto do casal branco e seus filhos legítimos; e a periferia, nem sempre demarcada, composta de escravos e agregados, índios, negros ou mestiços em que estavam incluídas as concubinas do senhor e seus filhos ilegítimos. (...) desta periferia irromperam elementos que ou ganharam um lugar no núcleo ou separaram-se definitivamente dele”. (IANNI, 1962, p. 171)¹.

Não é a toa que nesse universo de *Helena*, tão fortemente condicionado pelo patriarcalismo, “as questões do individualismo, as novidades da civilização burguesa e com elas o temário da modernidade” (SCHWARZ, 1992, p. 85) apareçam pouco e tenham posição secundária. Ainda assim, os valores liberais funcionam como pontos

de contraste para ressaltar o conflito central. Como fica claro na comparação entre as duas moças do romance: a “caprichosa, rebelde, superficial” Eugênia (ASSIS, 1975, p. 136), representante da superficialidade burguesa; em contraponto à “dócil, afável, inteligente” (ASSIS, 1975, p. 71) Helena, herdeira dos valores patriarcais.

Em *Helena* a família é a instituição digna e sagrada a quem cabe “moralizar as diferenças sociais, e limpá-las da baixeza que porventura elas inspirem” (SCHWARZ, 1992, p. 118). Só por meio da família as concepções liberais do interesse e da propriedade são admissíveis.

Por causa da importância e respeitabilidade da instituição familiar em *Helena*, o resultado é o conformismo social, moral e familiar expresso pela protagonista, que não se indigna nem questiona as normas. É uma adequação à ordem social, à “ordem das cousas” (ASSIS, 1975, p.106), expressão usada mais de uma vez no romance – ainda que esse conformismo não se confunda com servilismo, uma vez que Helena tem ânimo para enfrentar a resistência da família e ganhar sua confiança “sem abdicar de sua dignidade nem queixar-se de injustiça” (SCHWARZ, 1992, p. 124).

É nas primeiras páginas de *Helena* que se dá a descrição de personagens que, pensamos, nos ajudarão a demonstrar características nesse romance do que Sérgio Buarque denominou o homem cordial.

A primeira descrição é a do grande patriarca de *Helena*, o conselheiro Vale, que mesmo morto rege o destino dos vivos: “O conselheiro, posto não figurasse em nenhum grande cargo do Estado, ocupava elevado lugar na sociedade, pelas relações adquiridas, cabedais, educação e tradições de família.” (53). Observe-se que são descritos aí os valores – patriarcais – pelos quais o conselheiro era respeitado. A descrição prossegue, com uma passagem que nos remete à interpretação de Sérgio Buarque de Holanda a respeito da inocuidade dos partidos políticos no Brasil:

Sem embargo do ardor político do tempo, não estava ligado a nenhum dos dois partidos, conservando em ambos preciosas amizades, que ali se acharam na ocasião de o dar à sepultura. Tinha, entretanto, tais ou quais idéas políticas, colhidas nas fronteiras conservadoras e liberais, justamente no ponto em que os dois domínios podem confundir-se. (53).

A descrição seguinte é do homem que, ao menos em tese, ocupou o lugar do conselheiro Vale após sua morte, seu filho Estácio: “tinha vinte e sete anos, e era formado em matemáticas. O conselheiro tentara encarrê-lo na política, depois na diplomacia; mas nenhum desses projetos teve começo de execução.” (53). E acaso não era esse, a política, como observado por Sérgio Buarque, o destino dos bacharéis no Brasil? Diz o sociólogo:

Ainda hoje são raros, no Brasil, os médicos, advogados, engenheiros, jornalistas, professores, funcionários, que se limitem a ser homens de sua profissão. (...) As nossas academias diplomam todos os anos centenas de novos bacharéis que só excepcionalmente farão uso, na vida prática, dos ensinamentos recebidos durante o curso. (HOLANDA, 1983, p. 115).

Estácio, pode ser interpretado como um protótipo do que Holanda denomina a “aristocracia do espírito”. Sérgio Buarque observa que, com o declínio da velha lavoura, as ocupações citadinas, como a atividade política, a burocracia e as profissões liberais reclamavam eminência. Quem ocupará tais postos serão justamente os herdeiros da velha lavoura. São estes os homens de mentalidade arcaica agora em função moderna:

É bem compreensível que [...] transportada de súbito para as cidades, essa gente carregue consigo a mentalidade, os preconceitos e, tanto quanto possível, o teor de vida que tinham

sido atributos específicos de sua primitiva condição. (HOLANDA, 1983, p. 50).

Sérgio Buarque descreve, assim, a nova elite substituída dos representantes do velho mundo rural em decadência, a “aristocracia do espírito” (HOLANDA, 1983, p. 122), uma intelectualidade com “missão nitidamente conservadora e senhorial” (HOLANDA, 1983, p. 123). Antonio Candido resume a descrição de Sérgio Buarque desses intelectuais: “Tudo dependia, no passado, da civilização rústica, sendo os próprios intelectuais e políticos um prolongamento dos pais fazendeiros e acabando por dar-se ao luxo de se oporem à tradição” (CANDIDO, 1983, p.xvi).

Estácio é um exemplo do homem de mentalidade arcaica em função moderna de que nos fala Buarque de Holanda. Ou, mais propriamente, em vias de função moderna, já que no início do romance é que começa a se esboçar a conjuntura que propicia sua candidatura política.

Camargo, visando já honras para si, deseja que seu futuro genro, Estácio, ingresse na política. Estácio resiste, mas resistência fraca, por fim aceita a argumentação do médico:

– Esta idéia apoquentava-me há algumas semanas. Doía-me vê-lo vegetar os seus mais belos anos numa obscuridade relativa. A política é a melhor carreira para um homem em suas condições; tem instrução, carácter, riqueza; pode subir a posições invejáveis. Vendo isso, determinei metê-lo na Cadeia... Velha. Fala-se em dissolução. Para facilitar-lhe o sucesso, entendi-me com duas influências dominantes. O negócio afigura-se-me em bom caminho. (ASSIS, 1975, p. 95).

Nessa escolha do partido a que Estácio se filiaria – exposta como escolha de pouca importância –, entreve-mos o dito de Holanda Cavalcânti acerca dos partidos

políticos no Império – e que permaneceu válido para o período da República – citado por Buarque de Holanda: “Nada há mais parecido com um saquarema do que um luzia no poder.” (HOLANDA, 1983, p. 137). É, mais uma vez, o predomínio do elemento emotivo sobre o racional.

Avesso a lutas renhidas e reflexões complexas, Estácio aceita com facilidade e resistência débil – quando a há. Assim é quando decide aceitar o casamento com Eugênia:

Até os mortos conspiravam contra ele; Estácio aceitou resolutamente o destino. A alegria do padre, ordinariamente contida e digna, transpôs os limites do costume, para se mostrar quase infantil; D. Úrsula não cabia em si de contente; Helena parecia colher naquele casamento a sua própria felicidade. Era a bem aventurança universal que Estácio ia comprar a troco de um vínculo eterno. (ASSIS, 1975, p. 138).

Abre mão de suas opiniões e mesmo de seus desejos – que ele poderia impor, já que senhor – apenas para não ter o trabalho de sustentá-los, e faz isso em nome da polidez; é o homem cordial, pacífico. Diz Sérgio Buarque de Holanda: “Não ambicionamos o prestígio de país conquistador e detestamos notoriamente as soluções violentas. Desejamos ser o povo mais brando e o mais comportado do mundo.” (HOLANDA, 1983, p. 132).

Pelo trecho do romance acima citado podemos observar também o peso que a família tem na vida de Estácio. Assim é que Estácio tem sua vida descrita desse modo:

Aborrecia a política; era indiferente ao ruído exterior. Educado à maneira antiga e com severidade e recato, passou da adolescência à juventude sem conhecer as corrupções de espírito nem as influências deletérias da ociosidade; viveu a vida de família, na idade em que outros, seus companheiros, viviam a das ruas

e perdiam em cousas ínfimas a virgindade das primeiras sensações. (ASSIS, 1975, p. 62).

Mesmo depois de adulto e após a morte do pai, Estácio não encontra vida fora da família, o que se nota quando ele tem de passar alguns dias em visita à madrinha de Eugênia e envia uma carta a Helena:

Quando esta carta te chegar às mãos, estarei morto, morto de saudades de minha tia e de ti. Nasci para os meus, para a minha casa, os meus livros, os meus hábitos de todos os dias. Nunca o senti tanto como agora que estou longe de tudo o que há mais caro nesse mundo. Poucos dias lá vão, e já me parecem meses. Que seria se a separação não fosse tão limitada? (ASSIS, 1975, p. 142).

No capítulo “O homem cordial” de *Raízes do Brasil*, Buarque de Holanda começa por afirmar que há (deve haver) entre família e Estado uma descontinuidade e não – como era comum afirmar-se no século XIX – uma gradação: “Só pela transgressão da ordem doméstica e familiar é que nasce o Estado e que o simples indivíduo se faz cidadão, contribuinte, eleitor, elegível, recrutável e responsável, ante as leis da Cidade.” (HOLANDA, 1983, p. 101).

Tal conflito expressa-se no Brasil pela prevalência, “desde tempos remotos, do tipo primitivo da família patriarcal” (HOLANDA, 1983, p. 105). É dessa maneira que Holanda retoma a diferenciação weberiana entre o burocrata e o funcionário “patrimonial”, para quem “a própria gestão política apresenta-se como assunto de seu interesse particular” (HOLANDA, 1983, p. 106).

Estácio, sem transcender a ordem familiar na qual foi educado, se faz – rico e adulto – cidadão, mas patrimonial. Eis a origem do traço, para Buarque de Holanda, mais característico do brasileiro, a cordialidade. Assim descrita:

A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo rico e transbordante. (HOLANDA, 1983, p. 106).

Buarque de Holanda observa que o homem cordial olha para o mundo de modo pequeno, um “chão e toco realismo” (HOLANDA, 1983, p. 76), empirismo primário (em que mede o mundo por sua própria experiência). O homem cordial possui, em suma, uma visão tosca da realidade, mostrando-se incapaz de abstrações amplas.

A esse respeito é significativa a passagem de *Helena* que descreve o encontro entre Estácio e Salvador – o homem misteriosamente visitado por Helena, que posteriormente Estácio descobre ser o verdadeiro pai da jovem: “Em qualquer outra ocasião, Estácio lhe teria recusado o convite [para entrar na casa de Salvador], porque o espetáculo da pobreza lhe repugnava aos olhos saturados de abundância. Agora, ardia por haver a chave do enigma.” (ASSIS, 1975, p. 177). Mas quando os olhos abastados de Estácio observam a pobreza, sua análise é, de fato, chã. Tanto que sua afirmação toscamente meritocrática é imediatamente desfeita por Salvador:

– Há de perdoar-me, interrompeu Estácio com um ar de familiaridade indiscreta, que lhe não era habitual; eu creio que um homem forte, moço e inteligente não tem o direito de cair na penúria.

– Sua observação, disse o dono da casa sorrindo, traz o sabor do chocolate que o senhor bebeu naturalmente esta manhã antes de sair

para a caça. Presumo que é rico. Na abundância é impossível compreender as lutas da miséria, e a máxima de que todo homem pode, com esforço, chegar ao mesmo brilhante resultado, há de sempre parecer uma grande verdade à pessoa que estiver trinchando um peru... Pois não é assim, há exceções. Nas cousas deste mundo não é tão livre o homem, como supõe, e uma cousa, a que uns chamam mau fado, outros concurso de circunstâncias, e que nós batizamos com o genuíno nome brasileiro de caiporismo, impede a alguns ver o fruto de seus mais hercúleos esforços. César e sua fortuna! Toda a sabedoria humana está contida nestas quatro palavras. (ASSIS, 1975, p. 181).

É de se observar, ainda, em *Helena*, a recorrência da descrição de emoções ora generosas, ora coléricas (mas sempre caprichosas) no romance.

Do fundo emotivo de que nos fala Sérgio Buarque transbordam, ressalta ele, não apenas sentimentos positivos: “A inimizade bem pode ser tão cordial como a amizade, nisto que uma e outra nascem do coração, procedem, assim, da esfera do íntimo, do familiar, do privado.” (HOLANDA, 1983, p. 107). Não se confunda, portanto, cordialidade com polidez, uma vez que a atitude polida consiste “precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no ‘homem cordial’: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula.” (HOLANDA, 1983, p. 107).

Há constantemente em *Helena* a caracterização de atitudes das personagens como generosas ou cordiais. É claro que tal conceito não é usado na mesma acepção que lhe formulou Sérgio Buarque (evidentemente não pretendemos afirmar que Machado de Assis tivesse sido um buarqueano *avant la lettre*). Mas é relevante que tais valores, apontados por Holanda como definidores do caráter brasileiro de então, sejam referidos com frequência no romance.

Há que diferenciar nessas referências à cordialidade, bondade, generosidade e polidez aquelas que se referem a manifestações externas de comportamentos afetivos – ao menos aparentemente – das que dizem respeito aos ritualismos da polidez, mera “mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no homem cordial” (HOLANDA, 1983, p. 107).

São do primeiro tipo as afirmações que reputam bondade e generosidade ao ato do conselheiro Vale de reconhecer Helena como sua filha legítima (por exemplo: “– Seu pai foi generoso, disse Camargo”, ASSIS, 1975, p. 60), tirando-a da periferia e proporcionando-lhe lugar no núcleo da organização patriarcal da família – conforme apontara Candido em trecho anteriormente reproduzido.

Pedidos de complacência e bondade são também os de Helena a Estácio, profundamente limitada pelo mando do irmão. Exemplar é o trecho que contém a imprecisão da protagonista que vai em nosso título:

Oh! não é vão melindre, é a própria necessidade da minha posição. Você pode encará-la com olhos benignos; mas a verdade é que só as asas do favor me protegem... Pois bem, seja sempre generoso, como foi agora; não procure violar o sacrário de minha alma. Não insista em pedir a explicação de palavras mal pensadas e ditas em má hora... (ASSIS, 1975, p. 116).

Estácio, num lampejo de consciência parece *sentir* – como homem cordial – que as atitudes que atribui à solicitude e ao cuidado para com a irmã na realidade a sufocam: “Uma voz interior parecia dizer-lhe [a Estácio]: ‘–Sonâmbulo, abre os olhos, tem consciência de tuas ações; teu abraço enforca; teus escrúpulos fazem-te odioso; tua solicitude é pior do que a cólera.’” (ASSIS, 1975, p. 169).

O uso desses termos no segundo sentido apontado, como ritualismos da polidez, são mais frequentes no

romance. Assim, os abraços são cordiais, as recepções são cordiais. O narrador nos diz que “Estácio timbrava por ser o mais polido dos homens.” (ASSIS, 1975, p. 86). Essa qualidade do rapaz é referida diversas vezes. O trecho a seguir é representativo do que significava tal polidez:

Tal era o filho do conselheiro; e se alguma coisa há ainda que acrescentar, é que ele não cedia nem esquecia nenhum dos direitos e deveres que lhe davam a idade e a classe em que nascera. Elegante e polido, obedecia à lei do decoro pessoal, ainda nas menores partes dela. Ninguém entrava mais corretamente numa sala; ninguém saía mais oportunamente. Ignorava a ciência das nugas, mas conhecia o segredo de tecer um cumprimento. (ASSIS, 1975, p. 63).

Estácio é, nesse sentido, tão cortês quanto a bandeirinha azul que cumprimentou Helena: “– Vê como ela me respondeu? Não pode ser mais cortês [a bandeira]! Exclamou Helena, rindo.” (ASSIS, 1975, p. 90).

Em carta a Cassiano Ricardo, Sérgio Buarque reiterou que o termo *cordialidade* é mais apropriado à característica que apontara no homem brasileiro do que a palavra *bondade*, preferida por Cassiano Ricardo, já que bondade implicaria um sentido ético. Ademais, a origem etimológica de *cor* (coração) indica o homem cordial como aquele que age de acordo com os preceitos do coração (o que pode implicar tanto amor como ódio). A esse respeito avaliou Antonio Candido:

O “homem cordial” não pressupõe bondade, mas somente o predomínio dos comportamentos de aparência afetiva, inclusive suas manifestações externas, não necessariamente sinceras nem profundas, que se opõem aos ritualismos da polidez. (CANDIDO, 1983, p.xviii).

opiniões

As reações de cólera e irritação (possibilitadas pelo mando patriarcal), também são frequentes. É o homem cordial, que age conforme os preceitos de seu coração (tanto amor como ódio; capricho, em suma). As ocorrências mais significativas são as que expressam os sentimentos de Estácio para com Helena:

A idéia de que Helena podia repartir o coração com outra pessoa desconsolava-o, ao mesmo tempo que o irritava. A razão de semelhante exclusivismo não a explicou ele, nem tentou investigá-la; sentiu-lhe somente os efeitos, e ficou ali sem saber que faria. Duas vezes saiu da janela para ir ter com a irmã, mas recuou de ambas, refletindo que a curiosidade pareceria impolidez, se não era talvez tirania. (ASSIS, 1975, p. 102).

O próprio Estácio resume a incoerência de suas atitudes. Isto porque na conjuntura histórica mimetizada nos romances, binômios como escravista/ esclarecido e violento/ cortês não eram excludentes:

Eu não sei o que é amar o tumulto exterior; acho que é dispersar a alma e crestar a flor dos sentimentos. Nasci para monge... e creio que também para déspota, porque estou a planejar uma vida ignorada e deserta, sem consultar tuas preferências. Sou em Cromwell com tendências de frade; ou, por dizer tudo numa só palavra: sou um Lutero... muito inferior. (ASSIS, 1975, p. 143).

A descrição de um momento de tensão entre a protagonista e Dr. Camargo demonstra o quanto a cordialidade é também ódio: "Ambos eles [Helena e Camargo] viam que se detestavam cordialmente; mas, se em Helena havia cólera abafada, em Camargo havia tranquilidade e observação." (ASSIS, 1975, p. 127).

Helena – notavelmente mais perspicaz que o irmão – reconhece que está sob o mando de Estácio, e que sua liberdade é limitada pela vontade de seu irmão e senhor:

– Até ao ponto em que a minha vontade tem um limite, que é a sua. Por mim só nada posso decidir; mas não creio que você se oponha de nenhum modo [ao seu casamento com Mendonça]. Não é certo que deseja a minha felicidade? (ASSIS, 1975, p. 160).

Estácio, porém, se opõe ao casamento de Helena, justificando que a decisão da irmã seria fruto de um capricho. Sabemos, no entanto, que é essa oposição de Estácio um capricho e não a resolução de Helena, que foi, pelo contrário, racional, como o próprio Estácio afirma adiante:

– Helena pode vir a amar-te como lhe mereces; a verdade é que não sente ainda hoje igual paixão à tua; foi o padre-mestre que mo disse. Estima-te, é certo; mas a estima é flor da razão, e eu creio que a flor do sentimento é muito mais própria no canteiro do matrimônio... (ASSIS, 1975, p. 168).

Mais tarde, próximo do desfecho do romance, quando Melchior diz a Estácio o que o jovem até então só presentia sem compreender, que amava Helena, o padre analisa o sentimento de posse de Estácio:

– [...] Vias a afeição legítima naquilo que era já afeição espúria; daí vieram os zelos, a suspicácia, um egoísmo exigente, cujo resultado seria subtrair a alma de Helena a todas as alegrias da terra, unicamente para o fim de a contemplos sozinhos, como um avaro. (ASSIS, 1975, p. 195).

Mesmo depois de descoberto o segredo de Helena (não ser ela filha legítima do conselheiro Vale), sua súplica para deixar a família é negada e sua liberdade cerceada: "– Peço-lhes que me perdoem e me deixem ir! Não

devera ter entrado, é certo. [...] Estácio pôs termo a todas as hesitações. —Pois bem, disse ele, será isso mais tarde; a lei é por nós; e nossa vontade é que nos obedecemos.” (ASSIS, 1975, p. 221). Estácio recusa mais a Helena: “—Ande repousar, continuou Estácio; pode adoecer, e não tem direito para tanto; nossa afeição não o consentirá nunca. Vamos...” (ASSIS, 1975, p. 227). E como a moça não lhe obedecesse, Estácio reafirma o mando:

- Que capricho é esse? Vamos embora; eu quero que venha comigo para dentro. Ao sentir o braço de Estácio, Helena estremeceu e fez um movimento para arredá-lo de si; mas a fraqueza traiu-lhe o pudor. Ela fitou no moço uns olhos de corça moribunda; as pernas fraquearam, e o corpo esmorecido iria a terra, se lho não sustivessem as mãos de Estácio.
- Deixe-me morrer! Murmurou ela.
- Não! Bradou o mancebo.” (ASSIS, 1975, p. 228).

Por meio da leitura de *Helena* que ora se apresentou, pode-se concluir que Machado de Assis realmente foi arguto na representação da sociedade do Segundo Reinado. E que Sérgio Buarque de Holanda, *volens nolens*, contribuiu para a compreensão dessa obra literária ao contribuir para o entendimento da sociedade por ela mimetizada.

Talvez possamos mesmo dizer que, ao ampliar sua visão crítica nos romances da chamada segunda fase, Machado de Assis tenha percebido a conjugação entre arcaico e moderno como característica do Brasil, sem deixar-se cair na armadilha de julgar que o arcaico arrefeceria no devir.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. *Helena*. Edições críticas de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. In: CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

_____. “Prefácio”. In: HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.

IANNI, Octavio. *As metamorfoses do escravo*. Apogeu e crise da escravatura no Brasil Meridional. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas* – forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo / Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.

Notas

¹ O texto de Candido citado por Ianni é “*The Brazilian Family*”, *Brazil, Portrait of Half a Continent*.